ISSN: 2358-8829

A "RESSURREIÇÃO DOS MORTOS" E A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: APROXIMAÇÕES ENTRE NEWTON DUARTE E DERMEVAL SAVIANI NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Iris Freire Costa Belchior 1
Paulo de Assis Melo 2
Karla Gonçalves de Oliveira 3
João Eudes Cardim dos Santos 4
Islânia Fernandes Araújo 5
Solonildo Almeida da Silva 6

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição historicamente construída, ocupa lugar central no debate sobre a formação humana. Contudo, nas últimas décadas, uma série de concepções pedagógicas tem progressivamente esvaziado o papel formativo da escola, reduzindo-a a um espaço de desenvolvimento de competências pragmáticas e de adaptação às demandas imediatas do mercado de trabalho. Nesse contexto de disputa teórica e política, a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), sistematizada por Dermeval Saviani, emerge como uma das mais consistentes propostas de resistência e de reafirmação da especificidade da escola: a socialização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

A centralidade dos conteúdos escolares nessa perspectiva não é arbitrária. Ela decorre de uma compreensão profunda sobre a natureza do conhecimento humano e sobre o papel que a escola desempenha, ou deveria desempenhar, na formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade social. É precisamente nesse ponto que as contribuições de Newton Duarte se apresentam como complemento teórico de grande valor: sua obra *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos* (2016) oferece uma metáfora poderosa para pensar a relação entre os conteúdos escolares, a memória cultural da humanidade e a formação das novas gerações.

[1]Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE, irisfreirebel@gmail.com;
2Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE, paulo@aluno.ifce.edu.br;
3Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE, karla.goncalves@ifce.edu.br;
4Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE, joao.santos4@prof.ce.gov.br;
5 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFCE, islania@ifce.edu.br;
6 Professor orientador: Doutor pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da UFC, solonildo@ifce.edu.br.

ISSN: 2358-8829

A metáfora da "ressurreição dos mortos", central no pensamento de Duarte, remete à capacidade que os conteúdos escolares possuem de trazer à vida, no presente, as produções intelectuais, científicas, filosóficas e artísticas de gerações passadas. Ao entrar em contato com obras de Darwin, Marx, Beethoven, Machado de Assis ou Simone de Beauvoir, o estudante não apenas absorve informações, ele estabelece um diálogo vivo com o pensamento humano em sua mais alta expressão. Esse movimento é, em si mesmo, um ato de democratização cultural.

O presente artigo tem como objetivo discutir a centralidade dos conteúdos escolares na formação humana, estabelecendo um diálogo entre as reflexões de Saviani e as contribuições de Newton Duarte. A análise fundamenta-se em pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, buscando evidenciar a convergência teórica entre os autores na defesa da escola como espaço privilegiado de mediação entre o patrimônio cultural da humanidade e as novas gerações. O trabalho parte da hipótese de que o abandono dos conteúdos escolares sistematizados, sob o pretexto de uma educação mais "significativa" ou "centrada no aluno", representa, na prática, a negação do direito das classes populares ao acesso ao conhecimento elaborado, uma das formas mais sutis de reprodução das desigualdades sociais.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho se insere na tradição da pesquisa bibliográfica crítico-dialética, tomando como fontes primárias as obras de Saviani, em especial *Pedagogia Histórico-Crítica* (2013) e *Escola e Democracia* (2021), e de Duarte, com destaque para *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos* (2016) e *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* (2008). A análise se orienta pelo método materialista histórico-dialético, buscando compreender as concepções pedagógicas em sua relação com as condições históricas de produção e com as contradições da sociedade capitalista contemporânea.

Os resultados indicam que há profunda convergência teórica entre Saviani e Duarte na defesa do conhecimento clássico, sistematizado e universal como direito fundamental dos estudantes, especialmente daqueles oriundos das classes trabalhadoras, para quem a escola representa, muitas vezes, o único espaço de acesso ao patrimônio cultural da humanidade. A valorização dos conteúdos escolares não constitui, portanto, conservadorismo pedagógico, mas, ao contrário, condição necessária para a formação de sujeitos críticos e para a efetivação de uma educação genuinamente emancipatória.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, orientada pelo método materialista histórico-dialético. A escolha por esse referencial epistemológico não é circunstancial: o materialismo histórico-dialético permite compreender os fenômenos educacionais em sua totalidade, em sua historicidade e em suas contradições internas, recusando tanto o empirismo ingênuo quanto o idealismo abstrato.

A pesquisa bibliográfica, enquanto modalidade investigativa, consiste no levantamento, seleção e análise crítica de fontes escritas, livros, artigos, teses, dissertações, relacionadas ao objeto de estudo (LIMA; MIOTO, 2007). No caso do presente trabalho, o levantamento bibliográfico privilegiou obras que dialogam diretamente com a Pedagogia Histórico-Crítica e com o debate sobre a centralidade dos conteúdos escolares na formação humana.

As fontes primárias foram as obras de Dermeval Saviani e Newton Duarte, selecionadas pela sua representatividade no campo da teoria pedagógica crítica brasileira. Como fontes secundárias, foram consultados comentadores e pesquisadores que se debruçaram sobre a PHC, como Marsiglia (2011), Martins (2013) e Galvão, Lavoura e Martins (2019). O processo de análise seguiu os procedimentos da análise de conteúdo temático-categorial (BARDIN, 2016), organizando os achados em torno de três categorias centrais: (i) função social da escola; (ii) conhecimento clássico e formação humana; e (iii) os conteúdos escolares como "ressurreição dos mortos".

A opção pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela natureza do problema investigado: trata-se de uma questão fundamentalmente teórica, cujo enfrentamento exige o domínio e o confronto das principais elaborações conceituais disponíveis no campo. Como afirma Saviani (2013, p. 1), "a teoria em educação não é um conjunto de abstrações desvinculadas da prática, mas a expressão mais elaborada da prática social historicamente produzida".

REFERENCIAL TEÓRICO

A Pedagogia Histórico-Crítica e a função social da escola

ISSN: 2358-8829

A Pedagogia Histórico-Crítica, sistematizada por Dermeval Saviani a partir do final da década de 1970, constitui uma das mais expressivas contribuições da teoria pedagógica brasileira ao debate internacional sobre educação. Desenvolvida no interior das contradições da sociedade capitalista e em diálogo com o marxismo, a PHC parte de uma premissa fundamental: a escola possui uma especificidade que não pode ser diluída nas demais práticas sociais, a transmissão e a apropriação do conhecimento sistematizado.

Para Saviani (2013), a distinção entre o conhecimento espontâneo, aquele que os sujeitos adquirem no cotidiano, por meio da experiência direta com o mundo, e o conhecimento sistematizado, aquele produzido, organizado e transmitido pela ciência, pela filosofia e pela arte, é fundamental para compreender a especificidade do trabalho educativo. A escola existe, precisamente, para garantir o acesso ao segundo tipo de conhecimento: ao saber elaborado, que não se adquire espontaneamente e que amplia as possibilidades de compreensão e de intervenção na realidade.

> O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2013, p. 13)

Essa concepção implica uma visão radicalmente diferente da escola em relação às pedagogias hegemônicas contemporâneas. Enquanto o construtivismo e as chamadas "pedagogias do aprender a aprender" tendem a centrar o processo educativo no sujeito que aprende, valorizando a descoberta espontânea, a aprendizagem por projetos e a utilidade imediata do conhecimento, a PHC reafirma a centralidade do professor como mediador intencional entre o estudante e o patrimônio cultural da humanidade.

Não se trata, é importante frisar, de uma defesa da educação bancária criticada por Paulo Freire (1987), a mera transmissão mecânica de conteúdos sem sentido. Trata-se, ao contrário, de reconhecer que a apropriação do conhecimento elaborado é condição necessária para que o sujeito possa compreender criticamente sua realidade e nela intervir de forma transformadora. Saviani (2021, p. 58) é preciso ao afirmar que "a escola é o espaço de síntese entre o cotidiano e o não-cotidiano, entre o senso comum e a consciência filosófica".

Newton Duarte e a "ressurreição dos mortos"

ISSN: 2358-8829

A obra de Newton Duarte representa uma das mais originais e provocadoras contribuições ao campo da teoria pedagógica crítica brasileira. Discípulo intelectual de Saviani e pesquisador de referência no debate sobre as relações entre marxismo, psicologia histórico-cultural e educação, Duarte desenvolve, em *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos* (2016), uma metáfora que sintetiza com rara força expressiva a função cultural e política dos conteúdos escolares.

A expressão "ressurreição dos mortos" evoca, inicialmente, uma estranheza produtiva. O que pode significar, no contexto da educação, falar em ressuscitar os mortos? A resposta de Duarte é ao mesmo tempo simples e profunda: os conteúdos escolares possuem a capacidade de trazer à vida, no presente, o pensamento de indivíduos que já não existem fisicamente, mas cujas produções continuam vivas no patrimônio cultural da humanidade.

> Quando um estudante aprende sobre a teoria da evolução das espécies, ele está entrando em contato com o pensamento de Darwin. Quando resolve um problema usando o teorema de Pitágoras, está se apropriando do pensamento de um matemático que viveu há mais de 2.500 anos. Quando lê Machado de Assis, está em diálogo com alguém que morreu em 1908. A escola, ao transmitir esses conteúdos, ressuscita esses indivíduos — não no sentido místico, mas no sentido de que seu pensamento volta a se objetivar em novos sujeitos, em novas gerações. (DUARTE, 2016, p. 47-48, grifo dos autores)

Essa concepção está profundamente articulada com a noção marxiana de objetivação e apropriação. Para Marx (2004), o ser humano se distingue dos demais animais por sua capacidade de objetivar, de exteriorizar, suas forças essenciais em produtos que se tornam independentes de seus criadores e que podem ser apropriados por outros sujeitos ao longo da história. A ciência, a arte, a filosofia e a tecnologia são objetivações da atividade humana que se acumulam e se transmitem de geração em geração, mas essa transmissão não é automática. Ela exige mediação pedagógica intencional.

Duarte (2016) desenvolve ainda uma crítica contundente às concepções pedagógicas que, sob o pretexto de valorizar a experiência cotidiana dos estudantes, terminam por negar-lhes o acesso ao conhecimento elaborado. O autor denomina esse conjunto de concepções como "pedagogias do aprender a aprender", tendência hegemônica que abrange o construtivismo piagetiano, a pedagogia de projetos, a pedagogia das competências e a chamada "escola sem muros". Para Duarte (2008, p. 35), essas concepções partilham um núcleo ideológico comum: a valorização do cotidiano e

da experiência imediata em detrimento do conhecimento sistematizado, científico e universal.

O conhecimento clássico como direito das classes populares

Um dos aspectos mais importantes da convergência entre Saviani e Duarte diz respeito à dimensão política do acesso ao conhecimento elaborado. Ambos os autores argumentam, de perspectivas complementares, que a defesa dos conteúdos escolares sistematizados não é uma posição conservadora, mas, ao contrário, uma posição comprometida com a democratização do saber e com os interesses das classes trabalhadoras.

Saviani (2013) demonstra que a burguesia, como classe dominante, já possui mecanismos extraescolares de acesso ao conhecimento elaborado: museus, bibliotecas privadas, cursos particulares, viagens culturais, acesso irrestrito à internet de qualidade. Para as classes populares, a escola pública é, frequentemente, o único espaço de acesso ao conhecimento sistematizado. Quando se esvazia o conteúdo da escola, em nome de uma pedagogia "mais democrática", "mais participativa" ou "mais significativa", paradoxalmente se aprofunda a desigualdade cultural entre as classes sociais.

Galvão, Lavoura e Martins (2019, p. 48) sintetizam essa questão com precisão: "Negar às classes populares o acesso ao conhecimento científico, filosófico e artístico, em nome de uma pedagogia centrada na cotidianidade e na experiência imediata, é condená-las à barbárie cultural e à impotência política". A escola que renuncia a ensinar é a escola que abandona os filhos dos trabalhadores à sua própria sorte.

Nesse sentido, a metáfora da "ressurreição dos mortos" adquire também uma dimensão política explícita: dar vida, no presente, ao pensamento de Marx, de Gramsci, de Simone Weil, de Carolina Maria de Jesus, fazer com que esses autores "ressuscitem" no pensamento dos filhos das classes trabalhadoras, é um ato de resistência cultural e de afirmação da humanidade dos que são sistematicamente desumanizados pelas relações capitalistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica realizada permitiu identificar três convergências teóricas centrais entre Saviani e Duarte, que estruturam o argumento deste artigo: (i) a defesa da

escola como espaço insubstituível de socialização do conhecimento elaborado; (ii) a crítica às pedagogias hegemônicas que esvaziam os conteúdos escolares; e (iii) a dimensão ético-política da democratização do conhecimento clássico.

A escola como espaço insubstituível

O primeiro resultado relevante diz respeito à convergência dos dois autores na defesa da especificidade da escola. Para Saviani (2013), a escola não é um espaço de reprodução do cotidiano nem um reflexo da vida social em geral, ela é um espaço especificamente organizado para a transmissão e a apropriação do conhecimento sistematizado. Essa especificidade não pode ser relativizada sem que se comprometa a própria razão de ser da escola.

Duarte (2016) aprofunda essa tese ao demonstrar que os conteúdos escolares não são meras convenções curriculares arbitrárias, eles são a condensação, em forma didática, do conhecimento mais desenvolvido que a humanidade produziu em determinado campo. Ensinar o teorema de Pitágoras não é transmitir uma informação morta: é permitir que o estudante se aproprie de um instrumento intelectual que amplia sua capacidade de compreender e atuar no mundo.

Essa perspectiva contrasta radicalmente com as tendências contemporâneas de "flexibilização curricular", "personalização da aprendizagem" e "educação baseada em competências", que progressivamente substituem o ensino de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos por treinamento em habilidades genéricas e transferíveis. Martins (2013, p. 271) denomina esse processo de "esvaziamento dos conteúdos escolares" e o identifica como uma das expressões da subsunção da educação à lógica do capital.

A crítica às pedagogias do "aprender a aprender"

O segundo resultado relevante diz respeito à convergência dos autores na crítica às chamadas "pedagogias do aprender a aprender". Duarte (2008) demonstrou, em análise rigorosa, que o construtivismo, a pedagogia de projetos, a teoria das inteligências múltiplas e outras concepções hegemônicas partilham um núcleo ideológico comum que pode ser sintetizado em quatro postulados: (a) aprender por si mesmo é superior a aprender com o professor; (b) é mais importante o método de aprender do que o conteúdo aprendido; (c) o conhecimento deve ter aplicação imediata na vida cotidiana; (d) o indivíduo deve estar permanentemente disposto a aprender.

ISSN: 2358-8829

Esses postulados, quando levados às últimas consequências, conduzem a uma educação que privilegia o processo em detrimento do conteúdo, a experiência em detrimento do conhecimento elaborado e a adaptação em detrimento da transformação. Para Saviani (2013, p. 77), essa tendência representa uma "regressão ao espontaneísmo" que, sob aparência progressista, reproduz a subalternidade cultural das classes populares.

A metáfora da "ressurreição dos mortos" funciona, nesse contexto, como antídoto crítico às pedagogias do aprender a aprender: ela reafirma que o conhecimento acumulado pela humanidade, as "obras dos mortos", não é obstáculo ao desenvolvimento dos estudantes, mas, ao contrário, condição necessária para que eles possam ir além do que já foi produzido. Nenhum cientista, artista ou filósofo genuinamente inovador desprezou o legado de seus predecessores, ele se apoiou nesse legado para superá-lo.

Implicações para a prática pedagógica

O diálogo entre Saviani e Duarte não se esgota no plano da crítica: ele possui implicações concretas e urgentes para a organização da prática pedagógica. Marsiglia (2011) identifica, a partir da PHC, cinco momentos do processo didático que expressam essa perspectiva: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Nesse modelo, o professor não é um facilitador neutro nem um mero transmissor mecânico de informações. Ele é o mediador intencional entre o estudante e o patrimônio cultural da humanidade, aquele que seleciona, organiza e apresenta o conhecimento de forma a possibilitar sua apropriação crítica. A catarse, momento em que o estudante integra o conhecimento elaborado à sua visão de mundo, transformando-a, é o ponto de chegada de um processo pedagógico intencionalmente organizado para esse fim.

Para que os "mortos ressuscitem", para que o pensamento de Copérnico, de Machado de Assis, de Marx ou de Portinari volte a viver no pensamento de novas gerações, é preciso que haja professores dispostos e preparados para fazer essa mediação. E é preciso que a escola garanta condições objetivas para que esse trabalho seja realizado: tempo adequado, materiais didáticos de qualidade, formação docente sólida e currículo comprometido com o conhecimento clássico e universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISSN: 2358-8829

O percurso teórico desenvolvido neste artigo permite retomar a questão que orientou a investigação: por que os conteúdos escolares importam? À luz das contribuições de Newton Duarte e Dermeval Saviani, compreende-se que sua importância ultrapassa a transmissão de informações ou o cumprimento de prescrições curriculares. Os conteúdos escolares constituem uma das formas pelas quais o conhecimento historicamente produzido pela humanidade é apropriado pelas novas gerações, possibilitando-lhes compreender a realidade para além de suas experiências imediatas e ampliar suas possibilidades de intervenção sobre ela.

Nesse sentido, a metáfora da "ressurreição dos mortos", discutida por Duarte, expressa uma compreensão fundamental acerca da natureza histórica e social do conhecimento. Ao possibilitar o acesso às produções científicas, filosóficas, artísticas e culturais elaboradas ao longo da história, a escola estabelece uma relação entre diferentes gerações, fazendo com que conhecimentos produzidos em outros tempos e contextos permaneçam presentes na formação humana. Assim, quando os estudantes entram em contato com as contribuições de Darwin, Euclides, Vygotsky, Conceição Evaristo ou tantos outros sujeitos que participaram da construção do patrimônio cultural da humanidade, não estão apenas conhecendo ideias do passado, mas se apropriando de instrumentos intelectuais que podem ampliar sua compreensão do presente.

A aproximação entre o pensamento de Saviani e Duarte permite compreender que a defesa dos conteúdos escolares não representa uma postura conservadora ou um retorno a práticas pedagógicas fundamentadas na memorização e na transmissão mecânica de conhecimentos. Ao contrário, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, o acesso ao conhecimento sistematizado constitui uma condição fundamental para o desenvolvimento humano e para a formação de uma consciência crítica. Nessa direção, a escola assume uma função social que não pode ser secundarizada: possibilitar que os conhecimentos historicamente elaborados, muitas vezes restritos a determinados grupos sociais, sejam apropriados também pelos filhos da classe trabalhadora.

Essa compreensão adquire particular relevância diante das desigualdades que marcam a sociedade brasileira. Para muitos estudantes das periferias urbanas, das comunidades rurais, indígenas e quilombolas, a escola pública constitui um espaço fundamental de acesso a conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos que nem

ISSN: 2358-8829

sempre estão disponíveis em suas condições cotidianas de existência. Defender a centralidade dos conteúdos escolares significa, portanto, defender o direito desses sujeitos de participar da riqueza cultural produzida coletivamente pela humanidade, sem desconsiderar seus próprios saberes, experiências e contextos sociais.

Entretanto, a efetivação dessa função social da escola encontra obstáculos nas contradições que atravessam as políticas educacionais contemporâneas. A valorização de propostas pedagógicas centradas predominantemente no desenvolvimento de competências e habilidades, a influência crescente de interesses econômicos sobre a organização curricular e as desigualdades nas condições de ensino podem contribuir para o esvaziamento dos conhecimentos escolares. Nesse contexto, as críticas de Saviani e Duarte às pedagogias do "aprender a aprender" permanecem relevantes, especialmente por problematizarem concepções que tendem a deslocar a centralidade do conhecimento sistematizado para processos de aprendizagem orientados pela adaptação dos sujeitos às exigências de uma sociedade em constante transformação.

Diante desse cenário, reafirma-se que a defesa dos conteúdos escolares não pode ser dissociada da defesa de uma educação pública comprometida com a formação humana e com a superação das desigualdades sociais. Não se trata apenas de garantir a presença de determinados conhecimentos nos currículos, mas de assegurar as condições pedagógicas, institucionais e materiais necessárias à sua efetiva apropriação pelos estudantes. Afinal, o conhecimento não se torna formativo simplesmente por estar previsto em um documento curricular; sua apropriação exige um trabalho educativo intencional, sistematizado e mediado pela ação docente.

É nessa relação entre conhecimento, ensino e formação humana que a metáfora da "ressurreição dos mortos" encontra seu sentido mais profundo. Os conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores permanecem vivos quando são apropriados, questionados e reelaborados por novos sujeitos históricos. A escola, nesse processo, não apenas preserva o patrimônio cultural da humanidade, mas cria possibilidades para que as novas gerações se relacionem criticamente com ele e produzam novos conhecimentos. Assim, a transmissão do saber historicamente acumulado não se opõe à transformação social; ao contrário, pode constituir uma das condições para que ela aconteça.

Por fim, as reflexões desenvolvidas apontam para a necessidade de aprofundar investigações sobre a centralidade dos conteúdos escolares na formação de professores, especialmente no âmbito da Educação Básica e da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Nesse campo, as tensões entre uma formação orientada prioritariamente às demandas imediatas do mercado de trabalho e uma educação comprometida com a formação humana integral tornam ainda mais relevante o diálogo entre a pedagogia histórico-crítica, a politecnia e a omnilateralidade. Investigar como essas concepções se expressam nos currículos e nos processos de formação docente constitui uma possibilidade de continuidade dos estudos, contribuindo para o debate sobre uma educação que não se limite à adaptação dos sujeitos à realidade existente, mas lhes ofereça conhecimentos e condições para compreendê-la criticamente e participar de sua transformação.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica; conteúdos escolares; formação humana; mediação pedagógica; conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

DUARTE, N. Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Campinas: Autores Associados, 2008.

DUARTE, N. Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo. Campinas: Autores Associados, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. Fundamentos da didática histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2019.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

MARSIGLIA, A. C. G. (org.). Pedagogia histórico-crítica: 30 anos. Campinas: Autores Associados, 2011.

MARTINS, L. M. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 44. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.